

Proposta de atividade: Experimentando o rompimento das Práticas Institucionalizadas na Sala de Aula¹

Emanuelly Menezes VARGAS²

Taciana ESCANDIEL³

Juliana PETERMANN⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Neste texto procuramos resolver o seguinte problema: Diante dos resultados e da necessidade de práticas inovadoras na sala de aula de disciplinas de práticas criativas, quais as possíveis abordagens metodológicas e técnicas que rompem, ainda que minimamente, com as estruturas institucionalizadas? Na busca pela resolução, elencamos o seguinte objetivo: testar possíveis abordagens metodológicas e técnicas para romper ainda que minimamente com as estruturas institucionalizadas. Para isso, organizamos uma atividade, com a turma do primeiro semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria. O experimento simula uma aula onde foi passado o briefing para elaboração de uma ação “publicitária” que tratasse sobre o assédio sexual no ambiente da Universidade. Através desta atividade, testamos um modelo diferenciado de feedback na orientação do processo criativo.

Palavras-chave: feedback; práticas institucionalizadas; criação.

1 INTRODUÇÃO

Este texto faz parte de uma investigação mais ampla: trata-se da pesquisa intitulada “O Ensino de Criação Publicitária” (apoiada pelo MCTI/CNPq por meio do Edital 14/2014, Chamada Universal). Tal pesquisa envolve oito Instituições de Ensino Superior brasileiras (Universidade Federal de Pernambuco | UFPE, Universidade Federal de Santa Maria | UFSM, Universidade Federal do Paraná | UFPR, e Universidade de São Paulo | USP; e quatro instituições particulares, Universidade de Santa Cruz do Sul | Unisc, Escola Superior de Propaganda e Marketing | ESPM, Universidade Positivo | UTP, e Anhanguera-Uniderp),

¹ Trabalho apresentado na divisão temática IJ08 – Estudos Interdisciplinares do Intercom Júnior - XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista FAPERGS. Estudante do 6º semestre do curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: emanuely.mvargas@gmail.com

³ Bolsista CNPq. Estudante do 8º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: tacianaescandiel@gmail.com

⁴ Orientadora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e-mail: jupetermann@yahoo.com.br

seus cursos de graduação em Publicidade e Propaganda e as disciplinas da área de criação publicitária.

A partir desta pesquisa mais ampla, este artigo, que também aborda o ensino em disciplinas de práticas criativas, dá continuidade a um primeiro intitulado “Alternativas para minimizar fatores de inibição e maximizar fatores de incentivo no processo de orientação de práticas criativas”, enviado ao VII Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, edição 2016 no Rio de Janeiro. Ambos são frutos do trabalho de iniciação científica com as/os estudantes de publicidade e propaganda e do curso de produção editorial da UFSM. No entanto, em ambos, nossa perspectiva não está centrada no/na docente: encara a questão da orientação pelas percepções das/dos estudantes. A parte da pesquisa compreendida neste artigo, responde a seguinte questão: Diante dos resultados e da necessidade de práticas inovadoras na sala de aula de disciplinas de práticas criativas, quais as possíveis abordagens metodológicas e técnicas que rompam, ainda que minimamente, com as estruturas institucionalizadas? Para atendê-la delimitamos o seguinte objetivo: testar possíveis abordagens metodológicas e técnicas para romper ainda que minimamente com as estruturas institucionalizadas.

Como metodologia desenvolvemos uma atividade com a turma de primeiro semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UFSM, onde simulamos uma aula em que solicitamos a elaboração de uma ação publicitária sobre assédio sexual no meio acadêmico. O experimento foi desenvolvido com base nas informações coletadas em um grupo focal utilizado como metodologia do artigo “Orientação e criação - entre incentivos e inibições” enviado ao XVII Intercom Sul em maio de 2016. Tendo identificado as inquietações das/dos alunos participantes e compreendendo a necessidade de melhorias no processo de orientação, organizamos nosso experimento. Desenvolveu-se o planejamento das aulas: divisão dos grupos, passagem do briefing, construção da nossa tabela de feedback e anotações das primeiras ideias, no primeiro encontro, apresentação das propostas dos grupos e avaliação coletiva de acordo com a tabela de feedback montada, no segundo encontro. Buscamos diversificar todo o processo, utilizamos dinâmica na separação dos grupos e decidimos os quesitos de avaliação coletivamente contemplando as sugestões da professora e estudantes que foram condensados em formato de tabela.

Este artigo, apresenta desenvolvimento deste teste que fizemos para a aplicação do modelo de feedback que desenvolvemos partindo das sugestões dos alunos participantes do grupo focal e da importância que identificamos deste na orientação do processo criativo.

Sendo assim, iremos primeiro recapitular nossos estudos e depois apresentar nosso experimento, já que este é resultado das contribuições feitas em nossos dois outros artigos.

2 PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Este trabalho, como já dito anteriormente, é segmento de nossas pesquisas sobre como tornar as aulas destinadas a criação de fato mais propícias para a criatividade. Todas rupturas que fizemos ou tentamos fazer foram baseadas em relatos de estudantes. Abaixo organizamos uma quadro com os principais resultados que obtivemos anteriormente, nem todos os itens estão diretamente ligados a alguma dinâmica que aplicamos, mas todas elas foram pensadas com a intenção de minimizar esses fatores de inibição descritos pelos estudantes. A quadro é um resumo dos principais resultados em Vargas et al. (2016a, 2016b).

Quadro 1 – Resumo dos principais resultados em Vargas et al. (2016a, 2016b).

	Problema descritos pelas/pelos estudantes:	Possível solução indicada no artigo:
Espaço da sala de aula	Espaço físico da sala de aula não contribui para o desenvolvimento de ideias criativas.	Levar os alunos, sempre que possível, para espaços externos à sala, mudar a organização das cadeiras.
Postura do professor	A postura nada criativa ou inovadora dos professores, que sempre davam aula da mesma forma, levavam apresentações preto e branco “sem graça”.	Adotar uma postura mais criativa, procurando metodologias diferentes.
Insegurança sobre os processos	Incerteza sobre onde o professor queria que eles chegassem, se eles estavam de fato fazendo o que era esperado.	Acompanhamento próximo por parte das/dos docentes. Desenvolvimentos de formas para que o aluno tenha mais claramente noção do processo como um todo.
Falta de liberdade	Os alunos reclamavam de não conseguir exprimir sua personalidade nos trabalhos.	Respeitar as individualidades e ver na utilização das subjetividades no trabalho uma forma de inovação.
Falta de retorno do professor	O professor não dá respostas, retorno sobre as atividades, seja durante o desenvolvimento seja na entrega do trabalho.	Desenvolver mecanismos e métodos para que o professor de um feedback mais minucioso e constante para o aluno.

3 METODOLOGIA E PLANEJAMENTO

Nossa atividade foi desenvolvida em duas etapas, divididas basicamente em, proposta de trabalho e apresentação. O primeiro dia se iniciou com a separação dos grupos, propusemos uma dinâmica com a intenção de formar grupos diferentes dos que os/as estudantes estão acostumados a trabalhar, já que entendemos que isso contribui na formação da/do estudante, uma vez que se aprende a trabalhar com diferentes pessoas, aproximando a/o aluna/o de situações do mercado de trabalho. Outro motivo que nos levou a optar por esse método de separação de grupos foi o fato de conseguirmos garantir que cada grupo contivesse estudantes com perfis diferentes, já que como Cormann (2003 apud SILVA et al., 2010) destaca “o desenho não comporta apenas elementos formais. Ao lado da forma há o conteúdo e nesse se expressam as características de personalidade como um todo”. Hutz e Bandeira (2000 apud SILVA et al., 2010) complementam, “o desenho também pode ser a representação de outros aspectos do indivíduo, tais como aspirações, preferências, pessoas vinculadas a ele, imagem ideal, padrões de hábitos, atitudes para com o examinador e a situação de testagem”. As/Os estudantes presentes desenharam o que lhes vinha a cabeça com a palavra, que criamos com sílabas aleatórias, “CAJAMA”, identificaram seu desenho na parte de trás da folha e levaram para o chão da sala, em frente ao quadro. Todos/as juntos/as separaram os desenhos semelhantes cinco grupos, em um todos que apresentavam frutas, em outro objetos, um que continha desenhos abstratos, outro pessoas e um último lugares. Após isso, selecionamos um desenho de cada grupo e formamos outros cinco grupos alternativamente, mesclando os perfis e chamamos os/as donos/donas dos desenhos pelo nome para que identificassem seus grupos.

Com os grupos separados então passamos o *briefing* do trabalho (Apêndice 1). Nosso documento possuía uma página, que foi entregue uma para cada grupo, e a proposta foi da criação de uma ação publicitária sobre assédio sexual no ambiente acadêmico e que atendesse aos seguintes objetivos: Conscientizar as (os) integrantes da FACOS sobre as tristes consequências que o assédio sexual causa na vida de quem o sofre; Fomentar a reflexão/discussão no ambiente acadêmico sobre o assédio sexual sofrido por mulheres; Unir ainda mais mulheres na luta contra o assédio sexual, para que não silenciem ou aceitem nenhuma situação constrangedora.

Com as/os estudantes cientes do trabalho, construímos juntos/juntas nossa tabela de avaliação e *feedback*. A tabela foi pré-elaborada por nós para termos uma orientação no momento de construção coletiva, evitando que nos desvirtuássemos do tema ou da intenção do trabalho. Pré-definimos quatro grandes tópicos: Inovação, Organização, Qualidade e Subjetividade e no momento da atividade, de acordo com as colocações feitas pela turma, inserimos categorias a serem avaliadas no desenvolvimento do trabalho e no produto final.

A nossa intenção em fazer a formulação dessas categorias em conjunto foi proporcionar o acompanhamento por parte do/da estudante de toda a estrutura do trabalho além de instruí-lo/la no desenvolvimento do mesmo. A tabela permite que ao trabalhar para atender as categorias definidas exista maior segurança no processo criativo, ajudando as/os estudantes a manter o foco no tema do trabalho. Para a avaliação adotamos uma escala de satisfação em detrimento de um valor numérico, que posteriormente pode ser convertida em nota numérica pelo/pela professor/a, valorizando a avaliação qualitativa do aluno. Ainda nesse sentido, solicitamos que no tópico Subjetividade as/os estudantes listassem do lado esquerdo características suas que consideram positivas e ao lado direito características que consideram negativas, isso permite que a/o docente consiga avaliar individualmente a evolução do/a aluno/a, podendo desafiá-la/o a desenvolver suas características negativas e observar esse processo. Abaixo a demonstração de como a tabela foi organizada:

Estudante:
 Professor:

Tabela de Feedback

Inovação

-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----

Organização

-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----

Qualidade

-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----

Subjetividades

-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----
-----	+ ○○○○ -	-----

Fig. 1 – Tabela utilizada para *feedback*

Como nossa ideia também é acompanhar o crescimento da/do estudante durante o processo criativo, após a construção da tabela, solicitamos que individualmente estas/estes escrevessem suas ideias iniciais sobre o tema, para que após a apresentação do produto final pudéssemos compará-las com a escolhida.

No momento da avaliação das propostas, após as apresentações, os grupos tinham em mãos a sua tabela de *feedback* individual e as ideias iniciais foram projetadas para a turma toda para que fosse discutida a avaliação do grupo. Depois das considerações da professora o grupo se reuniu para preencher a tabela, pintando as bolinhas de acordo com o desenvolvimento do item. Cada grupo entregou uma tabela com a avaliação completa e as demais só com o item da subjetividade. Este item foi discutido abertamente somente com as/os estudantes que desejaram expor seus avanços nesse quesito.

4 RESULTADOS

Ao entrevistar um grupo de estudantes para tentar melhor entender o que os incomodava nas práticas adotadas pelos professores, dos pontos relatados por eles, dois nos são de extremo valor: o primeiro é a sensação de estar perdido durante as atividades, sem saber qual seria o próximo passo, ou onde o professor gostaria de chegar com determinada atividade. O segundo ponto foi a reclamação de que as/os docentes sempre traziam apresentações considerada por elas/eles monótonos e desinteressantes. Para tentar uma possível solução para esses dois pontos, confeccionamos cartazes com uma espécie de passo a passo das atividades que faríamos.

Para Freitas (2005):

O processamento da informação do cérebro direito é a natureza não verbal, centrado em aspectos globais da estimulação, como imagens visuais, reconhecimento de rostos, os sons e melodias. Ver as coisas de modo integrado, em sua complexidade, e não os aspectos parciais. Reconhece como as coisas se organizam no espaço, como as partes se agrupam para formar um conjunto, e como as situações se relacionam entre si. Está implicado no discernimento, na percepção de relações, na reestruturação perceptiva que leva a descoberta da experiência do ah! O cérebro direito sonha, inspira criar novas combinações de ideias, responde a experiências com emoções e comunica e comunicar algo com gestos quando as palavras São insuficientes. (p. 110)

Acreditamos que o acompanhamento visual permita uma interação e uma compreensão maior do processo por parte das/dos estudantes.

O formato cartaz é uma quebra com a apresentação de slides, já que ao invés de apenas tópicos com instruções verbais escolhemos usar desenhos. Apesar de termos desenvolvido nossas atividades de experimentação em apenas dois encontros no intervalo de uma semana, acreditamos que a escolha de cartazes também possa trazer ganhos consideráveis em processos de maior duração. Por sua materialidade, também permitem que ao longo de um semestre inteiro fiquem expostos, possibilitando aos estudantes consultarem os cartazes e ver quanto do processo já passou, onde estamos e o que ainda está por vir, assim apesar da quebra na institucionalização (BERGER; LUCKMANN, 2008), ainda existe uma segurança que traz considerável ganho psicológico.

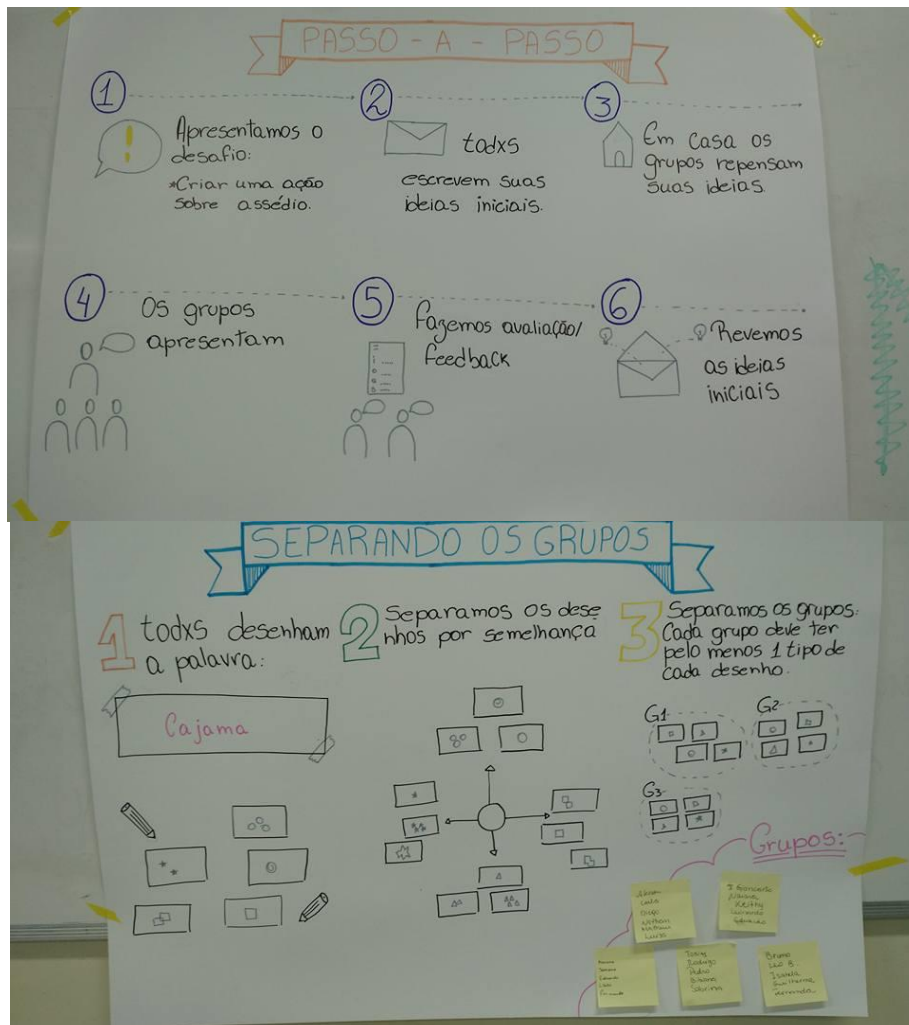


Fig. 2 e Fig. 3 – Cartazes de apresentação

Acreditamos que a configuração dos grupos de trabalho seja um fator que tem grande influência não só no processo como no resultado final dos projetos, para separar os grupos de forma que rompêssemos com a separação tradicional a fim de verificarmos se uma quebra nesta prática instituída geraria algum retorno positivo desenvolvemos uma dinâmica que consistia em:

1. Pedir para que todos os alunos desenhassem uma palavra inexistente, nesse caso "cajama".
2. Separamos os desenhos em grupos por similaridade.
3. Então separamos os desenhos aleatoriamente em 5 grupos novamente de forma que todos os grupos tivessem pelo menos um desenho de cada grupo que foram separados por nós anteriormente.

Essa forma de dispor os grupos fez com que eles trabalhassem com pessoas fora do seu grupo de costume, o que acreditamos tenha sido muito positivo. Em relato oral uma/um estudante comentou como a princípio a sua ideia era fazer algo que abordasse a temática do assédio através do humor, mas que uma das suas colegas de grupo alertou que isso era inadequado. Nós entendemos que essa por si só já tenha sido uma troca muito válida e que não teria acontecido se as/os estudantes tivessem ficado nos seus grupos de costume, o que torna o próprio grupo um espaço de desconstrução e de contato com coisas diferentes. Consideramos que fazer com que os estudantes interajam com as/os colegas é muito importante se queremos que eles adotem novas práticas, pois como já apontamos em outro artigo, os alunos em resposta a trabalhos institucionalizados institucionalizam formas de resolvê-los, e também institucionalizam funções dentro dos grupos, que assim como pode poupar tempo também impede que desenvolvam novas habilidades.

Para montar a tabela de *feedback* levamos uma folha impressa com espaços já delimitados e quatro eixos norteadores, sendo eles: inovação, organização, qualidade e subjetividades. Apresentamos os quatro eixos e junto com os estudantes fomos elencando itens que serviriam para avaliação. Acreditamos que elencar os itens específicos com os alunos torna a avaliação mais justa já que cada turma é diferente em suas habilidades e especificidades. Uma turma, por exemplo, dentro do eixo qualidade, pode ter muitos alunos com habilidade técnicas de desenho bem desenvolvidas enquanto outra turma pode ter muitos alunos com habilidades de redação, e seria injusto usar a mesma métrica para turmas tão diferentes.

Algo que chamou nossa atenção foi como no item subjetividade, onde a proposta era elencar um item que era positivo, uma habilidade, e outro um item negativo, uma dificuldade a ser superada, para que fosse possível tanto para estudante quanto para docente, fazer um acompanhamento de em quem medida foram desenvolvidas as habilidades que o estudante já tinha no início do processo, e em que medida foram superadas dificuldades particulares. As/os estudantes não só tiveram dificuldades em apontar suas qualidades como foram incapazes de fazê-lo, enquanto conseguiram listar com facilidade cerca de 3 pontos negativos na sua conduta, ainda que verbalmente tivéssemos mencionado apenas um. Entendemos esse fenômeno como um reflexo de uma insegurança dos estudantes com um excesso de autocrítica, e acreditamos seja válido investigar mais sobre a autoestima desses estudantes enquanto criadores e o que poderia ser feito para minimizar os efeitos dessa autoimagem.

Seria necessário mais tempo para avaliar maiores impactos desta prática, mas acreditamos que além de tornar a avaliação mais justa, pois a/o docente precisa dar um retorno imediato. Também contribui para o desenvolvimento de alguma autonomia nas/nos estudantes. Tapia e Fita (2005) nos dizem como é importante que incentivemos as/os estudantes a serem autônomos no processo da motivação, eles sugerem

tentar algo que parece possível mais difícil: ajudar os alunos a tomar consciência dos fatores que influem em sua própria motivação para ensiná-los a controlá-los, de modo que, ainda que o professor falhe, eles saibam como agir. (p. 58)

Entendemos que a tabela de *feedback* também serve como ferramenta pra aumentar a autonomia dos estudantes, já que na ausência de uma orientação mais próxima durante o processo eles podem guiar-se pelos objetivos e critérios estabelecidos em conjunto.

Pedimos as/aos estudantes que anotassem em uma folha suas ideias iniciais para a tarefa que foi passada antes mesmo de conversar com os outros integrantes do seu grupo. Solicitamos isso para que pudéssemos comparar as ideias colocadas no papel com as ideias apresentadas no final.

Então ao final da apresentação de cada grupo, na aula seguinte, nós liamos as ideias e refletíamos sobre por que algumas foram descartadas em detrimento de outras. Algo que chamou a atenção foi que: em todos os grupos a ideia apresentada já aparecia nas anotações da aula anterior. Mostrando que nenhuma ideia surgiu fora da aula, algumas ideias estavam praticamente inalteradas, outras podia-se notar algumas contribuições quase ainda que

muito pequenas dos colegas de grupo, entendemos que mais uma vez a falta tempo pode ter atrapalhado um pouco já que é necessário algum tempo para a maturação das ideias. Outro ponto que esta dinâmica contribuiu para a nossa observação é que tivemos um panorama geral das ideias de todos os alunos e não só das ideias que de fato foram selecionadas por cada grupo, o que nos revelou uma tendência geral entre os estudantes de pensar projetos muito grandes e complexos e uma dificuldade de pensar em projetos simples.

Uma das rupturas que propomos foi a apresentação dos trabalhos, deixamos livre para que cada grupo escolhesse a forma que apresentaria sua ideia, utilizar meios tradicionais como apresentação de slides ou não, ou mesmo usar a sala de aula como espaço físico para a apresentação, ficaria a critério de cada grupo. No nosso entendimento durante o planejamento da atividade acreditamos que esta liberdade incentivaria que os alunos escolhessem formas inovadoras ou no mínimo inusitadas e diferentes do que em geral acontece.

Apesar desta tentativa, tivemos apresentações que se mantiveram na forma institucionalizada, ou seja, apenas exposição verbal de ideias. Além disso, comparadas a apresentações comuns, percebemos uma queda na qualidade.

Procurando uma explicação para o porque os alunos não usaram todos os potenciais de uma apresentação tão livre levantamos algumas hipóteses:

1) Mais uma vez a falta de tempo para o desenvolvimento da atividade fez com que eles privilegiassem o momento das ideias, reservando muitos dias da semana que tiveram para a atividade para decidir qual ideia de fato levariam em frente sem considerar o tempo que precisariam para a elaboração da apresentação.

2) O segundo fator que pode ter influenciado é que deixamos as/os estudantes livres de mais, como sugere Paulo Freire (2002) rompemos a barreira da liberdade e acabamos por ser licenciosas/os neste ponto. Talvez estabelecer alguma exigência, ainda que mínima, comum para todos os grupos pudesse ser uma possibilidade para amenizar este resultado.

Para o desenvolvimento da atividade, o *briefing* pedia que as/os estudantes desenvolvessem uma ação relacionada a temática do assédio sofrido por mulheres. Entendemos que essa é uma temática onde deveria haver protagonismo feminino, já que são as mulheres que diariamente mais são afetadas por isso.

Mas, para nossa surpresa, no momento da apresentação a maior parte do tempo o que se ouviu foram vozes masculinas. Não só literalmente, já que eram os meninos que mais falavam durante a apresentação, mas também simbolicamente, já que as ideias que

persistiram, se comparadas as ideias iniciais, haviam partido de meninos. É importante ressaltar que todos os grupos tinham integrantes homens e mulheres. Observamos a persistência da fala masculina mesmo quando a temática é tão sugestiva a uma outra abordagem.

Referências bibliográficas

- BERGER, P. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. São Paulo: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREITAS, N. K. Representações mentais, imagens visuais e conhecimento no pensamento de Vygotsky. Ciências e Cognição, volume 06, p. 109-112, 2005. Disponível em <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m24566.pdf>>, acesso em 15 de Julho de 2016.
- SILVA, R. B. F. et al. O desenho da figura humana e seu uso na avaliação psicológica. Psicol. Argum., Curitiba, v. 28, n. 60, p. 55-64, jan./mar. 2010. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3510&dd99=view&dd98=pb>>, acesso em 15 de Julho de 2016.
- TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.
- VARGAS, E. et al. Análise para minimizar fatores de inibição e maximizar fatores de incentivo no processo de orientação de práticas criativas. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA (VII Pró-Pesq PP), 7, 2016. Rio de Janeiro. Anais no prelo.
- VARGAS, E. et al. Orientação e Criação: Entre Incentivos e Inibições. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL (XVII Intercom), 17, 2016, Curitiba. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1318-1.pdf>>, acesso em 15 de Julho de 2016.

APÊNDICES

BRIEFING

CENÁRIO:

Estamos em tempo de luta. A cada dia temos acesso a diversos relatos de casos de abusos sexuais sofridos por mulheres em todo o Brasil e nos mais diversos locais. A própria casa de algumas meninas e mulheres é palco de horrores quando o assunto é violência sexual. O assédio é o primeiro passo para que isso aconteça e precisa ser combatido, não deixando espaço para que algum dano maior se estabeleça. Precisamos de proteção, mas antes de tudo de conscientização, assédio não é brincadeira, não é piada, é deboche, é violência e dói.

PROBLEMA:

Como abordar a temática do assédio sofrido pelas mulheres nos ambientes por elas frequentados, a fim de conscientizar tanto os homens o praticam quanto as mulheres que os ressaltam ou silenciam?

OBJETIVOS:

- Conscientizar as (os) integrantes da FACOS sobre as tristes consequências que o assédio sexual causa na vida de quem o sofre.
- Fomentar a reflexão/discussão no ambiente acadêmico sobre o assédio sexual sofrido por mulheres.
- Unir ainda mais mulheres na luta contra o assédio sexual, para que não silenciem ou aceitem nenhuma situação constrangedora.

PÚBLICO-ALVO:

Professores (as), alunas (os) e técnicas (os) da FACOS.

PRODUTO DESEJADO:

Ação de conscientização sobre as consequências que o assédio causa na vida das mulheres.

INSTRUÇÕES:

Desenvolver uma ação de interação com o público que o faça refletir sobre o assédio sexual sofrido pelas mulheres em seus ambientes de convívio.

APRESENTAÇÃO:

A apresentação das ideias deve ser feita de maneira criativa e livre, como o grupo achar que é necessário/indicado.

OBSERVAÇÃO:

Dúvidas: encaminhar e-mail para jupetermann@yahoo.com com cópia para tacianaescandiel@gmail.com e emanuely.mvargas@gmail.com

Apêndice 1 – Briefing detalhado apresentado para a turma